

1

Apresentação

1.1.

A aparição do tema ‘desvio’ (*Umweg*)

O termo *desvio* (*Umweg*), como Benjamin o aborda, aparece no *Prefácio epistemo-crítico* (*Erkenntniskritische Vorrede*) escrito para o livro *Origem do Drama Barroco Alemão* (*Ursprung des deutschen Trauerspiels*), tese concluída acerca do ano de 1924, e publicada em livro em 1928. Sugestiva, a reflexão contida no *Prefácio* inclui a proposição de que “*método é desvio*”, expressando possivelmente um modo operante que ecoaria, silencioso, nas entrelinhas de sua obra.

Elaborada como tese de livre-docência, o texto sobre o drama barroco foi apresentado para a candidatura de Benjamin a uma cátedra de professorado na Universidade de Frankfurt am Main. Era de importância considerável, portanto, o compromisso do filósofo com formalidade acadêmica que pesaria sobre seu destino. A tese foi submetida em 12 de maio de 1925, primeiro ao Departamento de Germanística dessa universidade, e em seguida encaminhada ao Departamento de Estética e Filosofia da Arte. Diante do material apresentado, Benjamin foi convidado a retirar sua candidatura. Desde então, sua obra se desenvolveu fora das instituições universitárias alemãs.

Uma vez que dispôs do termo *desvio* (*Umweg*) como consta no *Prefácio*, serão esparsas as ocasiões em que o filósofo torna a empregá-lo. Na superfície deste texto, fica porém a impressão de que é afirmado ‘*algo de extremo, com extrema discrição*’¹ (tomando as palavras de Benjamin sobre Baudelaire). Insistentemente, o lugar textual do *desvio* parece invocar uma atenção dedicada ao

¹ W. Benjamin, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, in: *OE III*. 3ª ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. SP: Brasiliense, 1989, p.135.

que cerca o uso desse termo pelo filósofo, pede uma consideração mais detalhada, que abra caminhos para sua intensidade problemática de um modo filosoficamente significativo; que considere os possíveis desdobramentos dessa palavra que, uma vez dita, suspende a familiaridade das concepções a sua volta.

Essa dissertação é chamada à leitura de algo que estaria inscrito de forma ‘cifrada’² e pontual na obra de Walter Benjamin, no *Prefácio*. O texto que Benjamin descreveria em suas correspondências como “*um segundo estágio do meu trabalho sobre a linguagem (...), na forma de uma teoria das idéias*”³, chama a atenção “*pela audácia de suas concepções, à contra-corrente da filosofia moderna*”⁴, como observa Kátia Muricy.

Em meio a uma reflexão epistemológica estruturante do pensamento de Benjamin, iniciar esse estudo do ponto em que o filósofo propõe “*o desvio como característica metodológica*”⁵ da escrita filosófica é partir de sua peculiaridade e de sua difícil assimilação, e tomá-la como encorajamento para uma busca do que poderiam ser seus ecos e infiltrações teóricas, invisíveis, inexpressas, em outros lugares da obra de Benjamin.

O eco do *desvio* – entendido, numa associação imperfeita, como um ‘*modo de visar*’⁶ próprio do projeto benjaminiano – sugere-se em torno de um leque de conceitos de Benjamin que parecem encontrar sua convergência em uma tarefa lingüística: a de rodear, ‘*cercar de perto o não-comunicável*’⁷, de aproximar-se dos hiatos, dos intervalos, das rachaduras na linguagem. O aceno de um horizonte de ‘*revelação messiânica*’ parece ser o alvo desse passeio. O

² Ibidem, p.141.

³ Idem, *The Correspondence of W.B.*, org. G. Scholem e T. Adorno, trad. inglês: Manfred R. Jacobson e Evelyn M. Jacobson. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. Carta a Gershom Scholem, de 19.02.1925, p.260.

⁴ Kátia Muricy, *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. RJ: Relume Dumará, 1998, p.125.

⁵ W. Benjamin, “Prefácio Epistemo-crítico” in: *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1984, p.50.

⁶ Como Benjamin designa a especificidade, ou ‘tonalidade afetiva’, própria a cada língua em “A tarefa do tradutor” in: *Cadernos de Mestrado da UERJ*. Coord. da tradução Luiz Costa Lima. RJ: Ed. UERJ, 1992.

⁷ Rainer Rochlitz, *O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin*. Trad. Maria Elena Ortiz. Bauru, SP: Edusc, 2003, p.43.

caminho, a contemplação dos elementos concretos, que seriam como ‘contas de um rosário’ que desconhece sua prece final.

À semelhança de um traço de pensamento benjaminiano, o projeto de tomar o *desvio* como chave de leitura implicaria, parte do fragmento, em uma busca de suas ‘afinidades atuantes’. Assim, tomar a positividade concentrada do fragmento como indício de que sua aparição não antecipa, mas remete ao ‘todo’ da obra. O *desvio*, pelas circunstâncias de sua aparição, centralmente, estará referido à forma da ‘apresentação das idéias’ (*Darstellung*).

* * *

De um modo pontual nos é oferecido ler, mesmo apalpar, o conceito de *desvio* em sua imagem explicitada e ‘objetiva’ – na forma da palavra escrita, aquela que ganha materialidade e alça a autonomia sobre a intenção.

Assim escreveu o filósofo:

*“Método é caminho indireto, é desvio.”*⁸ Discreta o quanto possível, a frase de Benjamin, mesmo se isolada, incide enfaticamente como uma inversão sobre a noção convencional do método científico, em sua acepção moderna. Sua força de contraste fica evidente, por exemplo, quando lado a lado à descrição metodológica feita por Descartes:

*Por método eu entendo as regras certas e fáceis, graças às quais todos os que as observam exatadamente jamais tomarão como verdadeiro aquilo que é falso e chegarão, sem se cansar com esforços inúteis, ao conhecimento verdadeiro do que pretendem alcançar.*⁹

Inicialmente, o aparente ‘paradoxo metodológico’ que seria o *desvio* expõe a posição de um pensador que “*suspeita que o racionalismo ocidental*

⁸ W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.50.

⁹ Descartes, René. *Règles pour la direction de l’esprit*. Trad. francês J. Sirven, Librairie Philosophique J.Vrin, 1945, p.19. Trad. **apud**: H. Japiassu e D. Marcondes (orgs.), *Dicionário Básico de Filosofia*. 2ª ed. RJ: Jorge Zahar, 1991, p.166.

empobrece e desvitaliza as substâncias originais da cultura”¹⁰. É possível dizer que Benjamin dirige sua crítica a um determinado modelo de razão, ainda preocupado em preservar a reflexão filosófica de um relativismo ou mesmo irracionalismo. Leandro Konder, sobre isso, diria que “talvez seja esse o aspecto filosoficamente mais instigante do legado de Benjamin: sua fascinante aventura espiritual na busca apaixonada de um novo conceito de razão”.¹¹

O caminho de Benjamin é o de se desatrelar de uma das bases da razão iluminista, a perspectiva de uma filosofia da consciência, que asseguraria aos esquemas mentais um conteúdo de verdade apartado e, por suposto independente, dos elementos históricos postos em jogo em sua forma de aparição enquanto linguagem e discurso. Em seu trabalho *Sobre alguns temas em Baudelaire* (*Über einige Motive bei Baudelaire*), datado de 1939, portanto posterior ao *Prefácio*, há um trecho que parece contextualizar sua posição.

*Desde o final do século passado, a filosofia vinha realizando uma série de tentativas para se apropriar da ‘verdadeira’ experiência, em oposição àquela que se manifesta na vida normatizada, desnaturada das massas civilizadas. Costuma-se inscrever tais tentativas sob a rubrica de ‘filosofia da vida’. E naturalmente elas não partiam da existência do homem na sociedade (...).*¹²

A certeza que o recurso à razão lógica garantiria para as ciências modernas, não daria conta da temporalidade da ‘verdade’, que se emitem em relações historicamente concretas, no que Benjamin conceberia como uma ‘comunidade dos seres na linguagem’. Para Benjamin, o discurso filosófico preponderantemente ‘tem sua expressão na linguagem, não nas fórmulas e nos números’¹³, como afirma em *Sobre o programa da filosofia futura* (*Über das Programm der kommenden Philosophie*, 1918). Essa defesa retorna no *Prefácio* do barroco: “A eliminação total do problema da apresentação”, determinada pela

¹⁰ Rainer Rochlitz, *O desencantamento da arte*, ed. cit., p.308.

¹¹ Leandro Konder, *Walter Benjamin. O marxismo da melancolia*, Ed. Campus, RJ: 1988, p.106.

¹² W. Benjamin, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, ed. cit., p.104.

¹³ Idem, “Sobre el programa de la filosofia futura” in: *Sobre el programa de la filosofia futura y otros ensayos*. Monte Ávila Editores, Caracas, 1970, p.16. (tradução minha)

certeza matemática ‘a serviço de qualquer didática’, implicaria na renúncia “*àquela esfera da verdade visada pela linguagem*”.¹⁴

De um ponto de vista da tradição da filosofia, a teoria da linguagem de Benjamin seria a base de uma investigação que não quer se ausentar de pensar a ‘verdade’, manifesta como forma no ‘fenômeno’, mas não sob o paradigma científico. Seria produtivo compreender que a afirmação do ‘*desvio como método*’ não se esgota enquanto simples contraponto à teoria do conhecimento racionalista, senão em sua positividade que quer dar forma própria a uma reflexão filosófica em uma dimensão que ultrapassasse o ‘esqueleto abstrato’ do pensamento subjetivo para mergulhar na densidade da sua codificação histórica na ‘linguagem’. Seguindo o princípio de ler na obra os elementos de que ela dispõe internamente, em vez de priorizar algo que se infere de fora para dentro¹⁵, a versão de um diálogo provocativo com a tradição cientificista torna-se secundária. Antecipadamente, é evocada naquele paradoxo uma interrupção da reflexão, uma redefinição de sintaxe, como parte de um ‘modo operante’ dotado de alcance e de conseqüências para a obra do filósofo.

No *Prefácio do barroco*, a defesa benjaminiana do tratado e do ensaio como forma privilegiada de ‘apresentação’ filosófica, e como ‘*desvio*’, prepara o modo com que Benjamin dedicaria seu pensamento à desinterdição do conteúdo material para a investigação filosófica – cujo objeto, em Benjamin, permaneceria sendo a ‘idéia’. Pensar uma filosofia que não se destacasse do mundo sobre o qual reflete seria, para Benjamin, o reconhecimento de que estará condicionada à esfera do sensível, *medium* da aparição das idéias, não abandonando o rigor da busca filosófica pelo ‘*Ser indefinível da verdade*’, como Benjamin o descreve. Como Kátia Muricy sintetiza,

*O que interessa especialmente a Benjamin é como a verdade, algo de permanente e inefável, surge de algo sensível e datado – ou seja, o que lhe interessa é o lado sensível da verdade.*¹⁶

¹⁴ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.50.

¹⁵ Ibidem, p.50.

¹⁶ K. Muricy, *Alegorias da Dialética*, ed. cit., p.127.

Benjamin, nesse trabalho, toma como exigência que um pensamento filosófico sustente, desde sua forma, a ‘tensão lingüística’ desse sensível no mundo, uma vez que “*a linguagem não é apenas comunicação do comunicável, mas, simultaneamente, símbolo do não-comunicável*”.¹⁷ Sua escrita torna-se um exercício de mergulho no contingente justamente porque o filósofo não abriga mão de designar o momento em que, nas camadas próprias da linguagem, a ‘verdade’ se apresenta, descontinua como o tempo de um ‘relâmpago’.

No *Prefácio*, o modo como o sensível pesa para a manifestação do pensamento parece ser o problema decisivo, que orientaria Benjamin em sua releitura da “Doutrina das Idéias” de Platão. Na linguagem, a ‘verdade’ se vê remetida à dimensão do aparente, como o momento de sua aparição. Na contemplação a verdade revela-se inseparável de sua manifestação sensível, como já estaria expresso no texto *Sobre a linguagem*. Com a preocupação de fazer justiça à necessária relação entre ‘essência’ e ‘aparência’, então, o filósofo desenvolve uma atenção detalhada, zelosa das particularidades no objeto, estabelecendo “*uma espécie de intensidade da atenção em oposição, notadamente, à obstinação da intenção*”¹⁸. A perspectiva que movia suas teorias constitui uma proposta característica: a partir do esforço intelectual de apresentação minuciosa e completa das particularidades do problema se constituiria, chegado o momento limite, um sentido de reunião, uma percepção unificadora, tangenciada formalmente, e permanecendo alusiva a um domínio ‘*extra-sensível*’.

Assim se abrigariam os desenvolvimentos do pensamento na escrita como percurso à verdade, que não é fixada em sua forma lingüística, mas se apresenta em um intermitente exercício de linguagem, compatível com a sinuosidade e os rodeios de uma leitura temporal do mundo. Nesse sentido, o discernimento platônico entre ‘verdade’ e ‘saber’, segundo Benjamin, nunca perdeu sua vivacidade: “*A verdade, presente no bailado das idéias apresentadas, esquiva-se a qualquer tipo de projeção no reino do saber. Saber é posse*”.¹⁹ Nesse caso, o problema da filosofia benjaminiana não seria, como nas ciências, o ‘saber’, mas

¹⁷ W. Benjamin, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, ed. cit., p.196.

¹⁸ Jeanne-Marie Gagnebin. *História e narração em Walter Benjamin*. SP: Perspectiva, 1994, p.99.

¹⁹ W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.51.

reiteradamente a ‘apresentação das idéias’ (*Darstellung*) na linguagem, como se dava por exemplo nos tratados medievais.

*Sua renúncia à intenção em seu movimento contínuo: nisto consiste a natureza básica do tratado. Incansável, o pensamento começa sempre de novo e volta sempre minuciosamente às próprias coisas.*²⁰

Em vez de ajustar as coisas à inteligência, como num atalho, Benjamin propõe mover a inteligência, ela em ajuste às coisas. Nisso consistiria uma espécie de objetivação por atenção à ‘coisa’, constituindo uma ‘terna empiria’²¹, termo que Benjamin cita de Goethe.

*Se capturar a verdade exige uma ‘imersão no pormenor do conteúdo material’, este abandono ao concreto é o que possibilita a diluição da categoria de sujeito e permite à filosofia encontrar, no singular e no concreto, o seu elemento.*²²

A idéia do método como *desvio* aqui se “alinha” a um tipo de investigação pormenorizada, miúda, que se dedica à apreensão das coisas, fiel à forma como os objetos se oferecem à percepção. Em uma espécie de apuração da sensibilidade, a autenticidade das relações se mostra mais em correlações misteriosas, em uma fisionomia do ‘estranho e excêntrico’²³, do que na certeza isonômica de uma visão que agrupa e classifica em bloco, por eliminação de descontinuidades. Prosseguir às interrupções (que essa concepção acarreta) seria uma prova de ‘fôlego’ para a filosofia.

*Esse fôlego infatigável é a mais autêntica forma de ser da contemplação. Pois ao considerar um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência do seu ritmo.*²⁴

²⁰ Ibidem, p.50-51.

²¹ Idem, “Pequena História da Fotografia” in: *OE I*, 3ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1987, p.103.

²² K. Muricy, *Alegorias da Dialética*, ed. cit., p.148.

²³ W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.68.

²⁴ Ibidem, p.50.

A ‘verdade’, na filosofia de Benjamin, obedecerá a um ritmo próprio, e o pensamento encontra sua sobriedade no reconhecimento cioso do objeto, pacientemente lapidando as idas e voltas do discurso em torno dele. Os estratos da significação, sedimentados historicamente, depõem sobre o ‘verdadeiro’ de modo não-intencional. Isso exige do olhar contemplativo que ele retome recorrentemente seu movimento, percorrendo o caminho do objeto, suas curvas e irregularidades, em um ato que não comportaria conclusão definitiva no tempo, *“daí que a cada linguagem seja inerente sua incomensurabilidade e exclusiva infinidade”*.²⁵

Aproximar-se da ‘objetividade’ que repousa nas coisas seria, repetidamente, exercitar um ‘sair de si’, uma ida à fronteira, em um ritmo marcado pela pausa. *“Tornar-se alheio a si mesmo, para dizer a alteridade sem sufocá-la”*²⁶, assim descreve Jeanne-Marie Gagnebin o procedimento benjaminiano. Comprometido com a *‘apresentação das idéias’*, o filósofo não hesita em ater-se ao microscópico, permitindo que os fenômenos lhe deixem marcas. Impregnado, retoma o fôlego e retorna incansável às questões trazidas à contemplação.

*Ela [a contemplação] não teme, nessas interrupções, perder sua energia, assim como o mosaico, na fragmentação caprichosa de suas partículas, não perde sua majestade. Tanto o mosaico como a contemplação justapõem elementos isolados e heterogêneos, e nada manifesta com mais força o impacto transcendente, quer da imagem sagrada, quer da verdade.*²⁷

O exercício da forma filosófica como um *‘recomeço perpétuo’*, no texto, depõe sobre a especificidade infinita de cada busca ao mesmo tempo que indicaria uma dimensão duradoura subliminar, de ‘eternidade’, atribuída ao *‘ser das idéias’* por Benjamin. Perante o fenômeno singular, o ser eterno das *idéias* se coloca sempre de novo. As idéias, livres de qualquer fenomenalidade, não seriam dadas nem influenciadas na sua forma pelos fenômenos²⁸, Benjamin mantém essa delimitação para definir a idéia, afirmando que, *“por isso, no curso da história, (...), a filosofia tem sido, com toda razão, uma luta pela apresentação de algumas*

²⁵ Idem, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, ed. cit., p.180.

²⁶ J.-M. Gagnebin, *Narração e história em Walter Benjamin*, ed. cit., p.24.

²⁷ W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.50-1.

²⁸ Ibidem, p.57.

poucas palavras, sempre as mesmas as idéias”.²⁹ Assim, as sucessivas apresentações de idéias, estruturadas ao longo da tradição da filosofia, não se refutariam mutuamente; Para Benjamin, enraizadas no mundo das idéias, elas *‘preservam seu sentido’*. A diversidade de concepções seria, nesse caso, não tanto de sentido ou de conteúdo, mas de maneiras diferentes de *‘querer dizer’*.

Essa descrição detalhada de um exercício da filosofia, a partir de Benjamin, deve considerar que a idéia de *desvio* tem um nexos definido com um marco característico de seu pensamento, que diz respeito ao lugar do sujeito lingüístico. Buscando desfazer a distinção estanque sujeito-objeto, Benjamin pretendeu uma concepção de linguagem que não conhece *“nem meio, nem objeto, nem destinatário na comunicação”*.³⁰

Suspendendo o modelo de uma razão subjetiva fechada sobre si mesma, Benjamin designará, de um outro modo, o papel exclusivo que o homem assume na linguagem. Na sua teoria da linguagem, o *‘incomparável da linguagem humana’* corresponderia à *nomeação* que, em um paralelo com o tema da *apresentação* (*Darstellung*) no *Prefácio*, deve, de um golpe, *‘salvar’* as idéias e *‘dignificar’* as coisas³¹.

Desviar da projeção auto-referente dos mecanismos da razão inclui que o filósofo se aproxime gradativamente de uma contemplação *‘objetiva’* dos fenômenos. De maneira diferente daquela razão que assume uma lógica de organização externa à coisa, o esforço da *‘nomeação’*, como vê Benjamin, reserva-se o cuidado de colecionar elementos aparentemente dispersos e, ao sublinhar o peculiar de cada um, é capaz de expor a força de atração que os absorve e determina, que é vínculo presente em segredo, naturalmente na linguagem.

O sentido histórico da tarefa da filosofia, em *Sobre a linguagem* (1916), parte da referência a uma *‘história primitiva da linguagem’* ou *‘história natural da significação’*. Nela a linguagem, em alusão ao imediato estado paradisíaco, encontra a unidade entre as *‘essências espiritual’* e *‘lingüística’*.

²⁹ Ibidem, p.59.

³⁰ Idem, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, ed. cit., p.181.

³¹ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed.cit., p.57.

O que determina o momento da ‘revelação’³² na língua decaída, se caracteriza como confrontação com a plenitude do sentido em seu momento como Éden. Mas o curso histórico da linguagem definiria o momento em que é abandonado o Éden, no qual o nome se degrada em signo, a significação em intenção, comunicação instrumental. Benjamin apresenta aí sua compreensão histórico-teológica da significação, recompondo nessa via a distância “legível” da linguagem original para o pensamento. Não perdendo de vista o ‘nome’ intacto, faz figurar em sua filosofia um aceno de ‘totalidade comunicante’, aquilo que a presença do ‘inexpresso’ viria resguardar na linguagem após a Queda.

Em Benjamin, persevera para a filosofia sua tarefa de designar o lugar da ‘verdade’, tanto quanto a ‘imersão aos pormenores do conteúdo material’ seja o único meio de captá-la³³. ‘Um golpe e dois resultados’. Essa exigência marca a espécie de tensionamento, ou torção *sui generis*, que nos envia àquele trabalho do pensamento, que Benjamin posteriormente descreverá como o de percorrer-lhe os ‘pólos’. Talvez Jeanne-Marie Gagnebin nos ofereça uma descrição da polaridade característica em Benjamin, quando reconhece no *Prefácio*

*o apego de Benjamin à singularidade, no duplo sentido de particularidade e estranheza, dos fenômenos, sua recusa de uma assimilação niveladora e apressada, mas igualmente (...) sua recusa de uma dispersão infinita no individual.*³⁴

O *desvio* parece responder, em Benjamin, a essa expectativa de que, dada a partida (de encontro à multiplicidade), se efetive o regresso (propriamente a ‘apresentação da idéia’), como o momento em que os elementos colecionados incansavelmente reúnam-se em um nexos formal original, inscrito como idéia e irredutível ao objeto. Possivelmente, uma característica marcante do *desvio* se inscreve por meio dessa polaridade sustentada, nesse viés que tenciona, ou “torce”, a razão para fazer caberem seus pólos em um mesmo quadro, não sem algum sacrifício da moldura.

³² Idem, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, ed. cit., p.182-85.

³³ Idem, “Prefácio epistemo-crítico”, ed.cit., p.51.

³⁴ J.-M. Gagnebin, *Narração e história em Walter Benjamin*, ed. cit., p.32. (grifo meu)

Tendo em conta as condições que cercam o *desvio* benjaminiano, como possível ‘modo operante’, não caberia pensá-lo como uma prescrição metodológica no sentido estrito, pois ele não é capaz de fixar procedimentos. O *desvio* pressupõe, particularmente, uma posição de despojamento para a ‘consciência’. A proposta é um rigor temporal máximo: não se define previamente o que só tomará forma no desenrolar de um trajeto contemplativo. Kátia Muricy nota que

*Benjamin nunca pretendeu apresentar algo como a base metodológica de seu pensamento, convicto de que o método é determinado pelas necessidades inerentes ao próprio objeto de investigação.*³⁵

Um outro autor, Rainer Rochlitz, entenderia, em seu estudo, que a questão do método foi descartada.

*Benjamin descarta todo problema que lhe parece provir de uma falsa concepção do conhecimento: para nomear adequadamente é suficiente entender a Criação; a partir daí não há mais problema de método.*³⁶

Por corresponder a uma reserva sobre a razão consciente, o *desvio* corresponde a um exercício do pensamento que se ‘esquiva’ de esquemas subjetivos; diligente e rigoroso, ele se expressa incansável como a ‘*apresentação das idéias*’ sem renúncia à dignidade os fenômenos. No cumprimento de sua dupla tarefa lingüística, o homem, ou precisamente o filósofo, deve percorrer um ‘*ciclo dos extremos*’. A ‘idéia’ emerge na linguagem toda a vez que o filósofo completa o percurso segundo o qual o fenômeno é um extremo e “*as idéias só adquirem vida quando os extremos se reúnem à sua volta*”.³⁷ Percorrer os extremos, tencionar sua distância irreduzível exige um modo de dedicação contemplativa, que se mantém aberta à passagem anunciada da ‘verdade’. “*A apresentação de uma idéia não pode de maneira alguma ser vista como bem-sucedida, enquanto o ciclo dos extremos nela possíveis não for virtualmente percorrido*”.³⁸

³⁵ K. Muricy, *Alegorias da Dialética*, ed. cit., p. 125.

³⁶ R. Rochlitz, *O desencantamento da arte*, ed. cit., p.29.

³⁷ W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.57.

³⁸ Ibidem, p.69.

Como se coloca, o *desvio* não trata de uma valorização irrestrita do que há de desagregador, de mistério, no fenômeno. O que ele parece ressaltar é uma exigência máxima de tensão, por fidelidade ao que merece um *nome*, e um apenas.

*De nada nos serve a tentativa patética de apontar no enigmático o seu lado enigmático; só devassamos o mistério na medida em que o encontramos no cotidiano, graças a uma ótica dialética que vê o cotidiano como impenetrável e o impenetrável como cotidiano.*³⁹

Se Benjamin procede, em suas reflexões, esgarçando cânones da filosofia moderna e revendo seus princípios de eficiência, esta disposição será constantemente problematizada, não como um rompimento até as últimas vias. Em *O desencantamento da arte*, de Rochlitz, há uma comparação elucidativa de uma relação benjaminiana com a tradição racionalista.

*O que o distingue [Benjamin] de Nietzsche é que, para encontrar um corretivo para a abstração desastrosa, ele tenta remontar, não a um fundo irracional, 'pré-socrático', mas a uma das fontes desse racionalismo, ao pensamento bíblico.*⁴⁰

No lugar de identificar em Benjamin um idealismo “*mais puro que o idealismo moderno*”, de forma menos conclusiva, pode-se associar a relação de Benjamin com sua herança preponderante da filosofia ao que escreve mais tarde, posicionando politicamente sua escolha: “*Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo que quer apoderar-se dela*”⁴¹. Dessa maneira, não caberia pensar em Benjamin, por exemplo, a idéia de uma ‘doença da tradição’, que em Nietzsche marca o projeto de inutilizá-la ou enviá-la ao destino de um ‘esquecimento ativo’⁴², como poderíamos ler em Nietzsche.

O *desvio*, reforçadamente, parece trazer uma figura capaz de descrever o senso de responsabilidade filosófica benjaminiano, que liga a tarefa de ‘apresentar

³⁹ Idem, “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência européia” in: *OE I*, 3ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1987, p.33.

⁴⁰ R. Rochlitz, *O desencantamento da arte*, ed. cit., p.308.

⁴¹ W. Benjamin, “Sobre o conceito da história”, in: *OE I*, 3ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1987, p.224.

⁴² F. Nietzsche, *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. SP: Cia das Letras, 1998.

as idéias’ a uma dimensão histórica ligada à salvação dos fenômenos. Um trecho da carta que Benjamin escreveu a Martin Buber, em julho de 1916, ano que coincide com a escrita do ensaio *Sobre a linguagem*, traz uma definição desse caminho ao qual Benjamin lançaria insistentemente seu pensamento, o de vincular de maneira indissociável a ‘idéia’ e o ‘histórico’, o pensamento e a ação expressiva – especialmente a partir de sua compreensão do que é a ‘escrita’, ou ‘escritura’.

*Minha noção de um estilo e de uma escritura objetiva, altamente política, é a seguinte: conduzir àquilo que é negado à palavra; lá onde esta esfera de fraqueza da linguagem se estilhaça com um poder que nenhuma palavra pode expressar; só lá pode jorrar, entre a palavra e o ato, a faísca mágica que dinamiza e é a unidade, de um e de outro, igualmente efetivos.*⁴³

⁴³ W. Benjamin, *The Correspondence of W.B.*, org. G. Scholem e T. Adorno, trad. inglês: Manfred R. Jacobson e Evelyn M. Jacobson. Chicago: The University of Chicago Press, 1994, carta a Martin Buber, julho de 1916, p.79-80. (trad. português **apud**: R. Rochlitz, *O desencantamento da arte*, ed. cit., p. 27).

1.2.

Como se apresenta a questão do método

*É próprio daquilo que é verdadeiramente geral ser fecundo.*⁴⁴

Dissertar sobre Walter Benjamin a partir de uma chave de leitura como o ‘desvio’ (*Umweg*) exige muito cuidado, já que a palavra anuncia tão diretamente uma ‘desmedida’⁴⁵ para a razão. Seguindo a sugestão desta epígrafe, coloca-se então a pergunta inicial: é o termo ‘desvio’ dotado da generalidade necessária para sustentar de modo fecundo o curso dessa dissertação?

Esse trabalho assumirá o ‘desvio’, então, como uma figura não conclusiva, significativa de uma estratégia, uma palavra que oferece uma ‘imagem’ exemplar. Seu significado filosoficamente problematizável culmina na expressão de um *pathos* da ‘escrita filosófica’, e possivelmente de um ‘modo de visar’ que, se é procedimento e método, quer já conter sua problematização, sua própria crítica.

A observação de que não se lê Walter Benjamin sem perder alguma coisa⁴⁶ é uma confiança delicada, pertinente também nesse projeto. O que se galga aqui é a compreensão benjaminiana das possibilidades operativas da linguagem humana, e principalmente a respeito do fazer filosófico.

O *Umweg*, ‘desvio’, como traço histórico do pensamento, será considerado, nessa dissertação, a partir do que o filósofo desenvolve como suas teorias da ‘nomeação’, da ‘apresentação das idéias’ e de uma ‘escrita da história’. Estudadas nessa ordem, essas considerações seriam entendidas, possivelmente,

⁴⁴ Paul Valéry **apud**: W. Benjamin, *Le Livre des Passages*. Trad. francês Jean Lacoste, Les Éditions du Cerf, Paris: 1989, [N 5a,6], p.485. (tradução minha).

⁴⁵ W. Benjamin, *The Correspondence of*, ed. cit., carta a G. Scholem, 19.02.1925, p.261. Benjamin alude a seu *Prefácio do Trauerspiel* com o termo ídiche “chutzpah” (traduzido como “insolência desmedida”).

⁴⁶ Cláudia Castro, *O in-significante signo: a idéia de linguagem em Walter Benjamin*, Dissertação Mestrado, orientadora: K. Muricy, Dep. Filosofia PUC-RJ, 1993, p.01.

como desdobramentos reincidentes do problema da ‘apresentação das idéias’ (*Darstellung*), desde o *Prefácio* ao *Trauerspiel* (1924).

Benjamin reconheceria que “*é evidente que não estamos dizendo nada quando dizemos que a obra emerge necessariamente das disposições subjetivas do seu autor.*”⁴⁷ Não sendo esse o caso, o ‘desvio’ só poderia marcar a posição de uma ‘reserva’, que em certa medida seria uma tarefa, e em certa medida algo de incontornável na língua. Ao ‘desvio’ não caberia um princípio de ordem consciente, ou um modo operante abstrato; antes, ele é algo que depõe sobre uma autonomia constitutiva dos ordenamentos que perduram ‘nas coisas’, como também ‘na escrita’ filosófica.

Conduzido ao texto do *Prefácio epistemo-crítico*, no qual se propôs que “*método é desvio*”⁴⁸, esse trabalho enfrenta os elementos de uma possível ‘teoria do conhecimento’ benjaminiana, ainda que inconclusa. No texto *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana* (*Über Sprache überhaupt und über Sprache des Menschen*), de 1916, a compreensão bíblica da linguagem, entendida como *medium* de todos os seres, quebrara aquela exclusividade lingüística do homem, redefinindo seu lugar. No *Prefácio crítico*, de 1924, a questão da ‘apresentação’ (*Darstellung*), ao mesmo tempo em que recoloca a tarefa da verdade para a filosofia, caracteriza o cerne de uma ‘crítica do sujeito’ elaborada por Benjamin, bem designada na definição da verdade como ‘*morte da intenção*’.⁴⁹

Benjamin destaca a linguagem como *medium* da verdade para a filosofia, ao mesmo tempo em que incorpora o problema da ‘temporalidade’ do pensamento. Dizer que a verdade se ‘*apresenta*’ no sensível, na linguagem, é um outro modo de reaver um dos antigos dilemas da filosofia, expresso nas oposições de ‘aparência’ e ‘essência’, ‘verdade’ e ‘representação’. Acerca do discernimento que Benjamin faz do conceito de ‘*apresentação*’ (*Darstellung*)⁵⁰, sublinha-se sua concepção da

⁴⁷ W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.75.

⁴⁸ Ibidem, p.50.

⁴⁹ Ibidem, p.58.

⁵⁰ K. Muricy lembra que “*é importante sublinhar que, se em Benjamin, a noção de ‘apresentação’ pode ter alguma afinidade com a dialética da Darstellung de Hegel, nada tem a ver, no entanto, com um movimento da consciência.*”, *Alegorias da dialética*, ed. cit., p.144.

linguagem como condição para a ‘verdade’. Segundo sua consideração filosófica da linguagem, sua essência seria, verdadeiramente, o ‘*expressar a si mesma*’.

*Uma ciência que protesta contra a linguagem de suas investigações é absurda. Juntamente com os signos da matemática, as palavras são os únicos instrumentos de apresentação da ciência, e elas próprias não são signos.*⁵¹

Em um primeiro momento, as reflexões do *Prefácio* e do ensaio *Sobre a linguagem* constituem a base do nosso estudo. Concentrada na compreensão de uma possível tarefa e de um procedimento benjaminiano, segundo a leitura do termo ‘*Umweg*’, essa dissertação foi conduzida a outro pólo de sua obra, a partir de seu texto *Sobre o conceito da história* (*Über den Begriff der Geschichte*, 1940), que coloca a questão da ‘*escrita da história*’, a partir da qual se desenvolve sua reflexão sobre a modernidade e a crítica do progresso, presentes de modo ‘fulgurante’ nesse texto, um dos últimos que Benjamin escrevera. A partir das também chamadas *Teses sobre a história*, compõe-se uma segunda etapa do presente trabalho, em uma perspectiva de aproximação comparativa do primeiro e do segundo Benjamin, pretendendo ser elucidativa para o tema dissertado. Como Kátia Muricy nota em sua análise,

*novos elementos irão se incorporar à temática inicial sobre a linguagem, tornando-a mais complexa, mais materialista, (...) ao determinar uma mudança radical das questões da linguagem em geral para as questões específicas da escrita.*⁵²

Sob a figura do ‘desvio’, essa dissertação tenta abordar o que haveria de exemplar no projeto indicado por Walter Benjamin, de sustentar uma referência integral à ‘verdade’ ao lado de uma atenção à temporalidade entrecortada da escrita, crítica e ao mesmo tempo solidária à miudeza do concreto. O ‘desvio’, como chave de leitura, beneficiaria o reconhecimento de uma ‘*forte continuidade*

⁵¹ W. Benjamin, “Prefácio epistemo-crítico”, ed. cit., p.64.

⁵² K. Muricy, *Alegorias da Dialética*, ed. cit., p.95.

*subterrânea*⁵³ da obra, encorajando essa dissertação à leitura entrecruzada dessas produções inaugurais e terminais do filósofo, considerando os textos de 1916, de 1924 e o de 1935 acima citados.

Esse trabalho se detém em uma frase furtiva do *Prefácio* como um problema inicial, que acompanhará indiretamente seu desenvolvimento. Será assumido, a partir daí, um projeto de aproximação de sua teoria da linguagem e de seu conceito crítico da história, em torno do que redundaria nas condições da ‘escrita filosófica’, como Benjamin a compreenderá. O modo como noções epistêmicas se fazem presentes em Benjamin se mostraria, sensivelmente, no exercício prosaico da ‘escrita’ como expressão metodológica do *desvio*.

O ‘método’, como conjunto de critérios que ordenam a abordagem de um conhecimento para lhe garantir verdade e clareza, responde a uma busca por legitimação científica do saber, da qual Benjamin teria aberto mão. Walter Benjamin levanta, no *Prefácio*, o problema do ‘método’ em nítida burla ao sentido estrito do termo. Para suas proposições a respeito do fazer filosófico, não estaria em jogo fixar procedimentos, mas problematizá-los trazendo-os para a esfera da linguagem. Buscando uma leitura detalhada do texto do autor, esse trabalho se dedica à compreensão do estatuto preponderante da escrita na obra de Benjamin, como sua linha, seu traço, seu risco.

Ao postular que *método é desvio*⁵⁴, Benjamin não formaliza um conceito pronto, mas essa afirmação se associaria à premissa de que o pensamento só se apresenta na linguagem. Sua força de contraste com os parâmetros científicos é tal que parece ter ofuscado, muitas vezes, o aspecto construtivo que a definição pode desempenhar no conjunto da obra de Benjamin.

⁵³ Leandro Konder, *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Ed. Campus. RJ, 1988, p.25.

⁵⁴ W. Benjamin, *Prefácio Epistemo-crítico*, ed. cit., p.50.

* * *

Na recepção atual à obra de Benjamin são comumente distinguidos dois momentos. O ‘primeiro Benjamin’, como uma fase na qual se articulariam suas fontes kantiana, da teologia judaica e do romantismo, quando Benjamin teria se dedicado ao tema da linguagem sob uma perspectiva preponderantemente metafísica, mágica, mística. No ‘segundo Benjamin’, seria emblemática uma nova influência, a do materialismo marxista, que compreenderia o momento quando suas idéias teriam assumido uma politização crítica, sendo assumido preponderantemente o tema da dialética da história. Na órbita do problema da linguagem, que permaneceria central, motivos da teologia predominariam na primeira fase, e seu particular ‘materialismo histórico’ tomaria corpo no segundo momento.

De toda forma, é difícil localizar terminologias da primeira ou da segunda fase da obra que se excluam ou que se refutem em um ‘antes’ e um ‘depois’. Como algo característico do texto benjaminiano, as referências ascéticas sugerem insistentemente complementaridade com as expressões mais radicais de materialismo. Como Adorno apontava, essa polaridade seria parte constitutiva das preocupações do amigo. Segundo ele, em Benjamin “*as contra-energias ascéticas mantinham a balança equilibrada com as da invenção renovada em cada objeto*”, uma vez que “*a idéia deve ganhar a densidade da experiência sem renunciar de*

maneira alguma a sua severidade”.⁵⁵ No cerne desse paradoxo, de pôr em convivência ascetismo e materialismo, seu pensamento buscaria o fôlego para redimensionar em termos críticos um dilema fundamental para a filosofia, o da sua tarefa.

Não priorizando a reconhecida divisão da obra, mas sem ignorá-la, essa dissertação consultará principalmente os textos benjaminianos referidos acima, atentando a respeito de uma orientação comum, talvez indicada no que o próprio filósofo pôde vislumbrar em um momento tardio de sua vida, como um certo ponto *‘em que suas reflexões se encontram a partir dos pontos mais divergentes’*.⁵⁶

Preocupado com os alcances da razão, seus limites e seu germen auto-transformador, Walter Benjamin subscreve a sua obra como uma proposta de abordagem filosófica ‘extrema’, fundamentalmente concentrada na própria forma de sua escrita. A diversidade formal dessa obra – mesmo se entendida de algum modo como um ecletismo – retornaria sempre de novo para esse motivo epistemológico, qual seja, o de uma experiência de pensamento que não seria ‘via de aquisição de conhecimento’, mas sim *medium* de ‘apresentação das idéias’. Desse modo, Benjamin tornou o processo da escrita da obra um núcleo gerador de reflexões, originário e persistente, de modo que seus princípios formais – estrutura e estilo – estariam sempre comprometidos com as conseqüências de suas proposições teóricas.

Encontramos em Benjamin uma textualidade rica que não se ampara em formulações definitivas. Se, por um lado, ele é capaz de apresentar designações frágeis em um tom decididamente autoritário, por outro, a forma elaborada dos textos faz com que um trecho possa ser lido de mais de uma maneira. Assim, essa escrita evita, não acata, o tratamento de um patrimônio teórico fechado. Segundo

⁵⁵ Theodor Adorno, *Sobre Walter Benjamin: recensiones, articulos, cartas*. trad. espanhol Carlos Fortea, Madrid: Ed. Catedra, 2001, p.19 e p.26 (tradução minha).

⁵⁶ W. Benjamin, *The Correspondence of*, ed. cit., carta a Gretel Adorno, de 26.06.1939, p. 609. (tradução minha)

sua estratégia, o teor de ‘verdade’ potencialmente expresso em suas terminologias não se impõe. Enquanto isso, o trabalho assíduo do filósofo sobre a própria forma da escrita significou, por vezes, um exercício de violência contra seu lugar de autor, sua autoridade. Benjamin defendia que somente no *medium* da linguagem o pensamento encontra sua temporalidade e ritmo.

O entrelaçamento dos domínios ‘linguagem’ e ‘história’ aparece como um desdobramento fundamental nessa dissertação. Tratar-se-ia de assimilar como a teoria da linguagem de Benjamin, desde o texto de 1916, contribui com o conjunto de suas proposições sobre a história, a partir do texto de 1940. A diversidade de seus escritos não se deixa ordenar facilmente, sem contrariedade, embora remeta insistentemente o leitor a alguma dimensão comum entre eles. O desafio aqui é ser fiel a essa tensão benjaminiana, diante da busca de unidade própria da leitura.

A riqueza modelar de Benjamin, a partir desse prisma, seria a proposta de aproximar a escrita filosófica de uma *intensificação* – ou ampla problematização – da disposição reflexiva e teórica pertinente ao mundo. Assumindo a escrita como prática própria ao pensamento, a obra de Benjamin se lança à compreensão do seu âmbito histórico e levanta sobre si uma extrema exigência de consequências formais.